

## A CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR DO ESTUDANTE DE TERAPIA OCUPACIONAL MARCADO PELA FORMATIVIDADE DOS CORPOS

The construction of an occupational therapy student's perspective marked by the formativity of bodies

La construcción de la mirada de un estudiante de terapia ocupacional marcada por la formatividad de los cuerpos

**Helen Conceição de Oliveira Silva**

<https://orcid.org/0009-0006-7951-4590>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Terapia Ocupacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Renata Caruso Mecca**

<https://orcid.org/0000-0002-2548-9020>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Terapia Ocupacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Fernanda de Sousa Marinho**

<https://orcid.org/0000-0002-4001-8294>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Terapia Ocupacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Resumo: Introdução:** A formatividade se refere à auto-produção dos corpos na interação constante entre forças biológicas, ambientes e subjetividade. Os corpos criam formas somáticas para dar conta dos desafios que se apresentam e para manter os processos de diferenciação, crescimento e complexificação da vida em direção ao futuro. **Objetivos:** Explorar a construção do olhar do estudante para o corpo na intenção de avaliar/investigar o quanto os estudantes compreendem os corpos em sua interação com ambientes, o quanto problematizam ou não os corpos em atividade, e se o percebem como componente dos modos de subjetivação. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa de documentos em vídeo e texto disponibilizados online pelo Laboratório do Processo Formativo, com análise qualitativa de conteúdo e imagem. **Resultados:** Essa perspectiva evidencia que estamos constantemente filtrando ambientes e produzindo expressão da forma. Ajuda a pensar a cena clínica como um ambiente que favorece com que os corpos se produzam e se conectem às ecologias que compõem a vida cotidiana singularmente; e que sustenta as intensidades que reverberam a cada experiência de atualização das formas. **Discussão:** Favorece com que o olhar do terapeuta ocupacional possa adentrar a experiência dos corpos se perfazendo em atividades, corporificando e produzindo diferenças em cada corpo, e entre os corpos. **Conclusão:** A construção desse olhar na formação do estudante considera a criação de ambientes confiáveis e possibilita a conexão com o próprio modo de formar. Favorece a percepção de si como ecologia, aprendendo a acolher-se para acolher o outro.

**Palavras-chave:** Corpo Humano. Ensino. Terapia Ocupacional. Recursos Audiovisuais.

**Abstract: Introdução:** Formativity refers to the self-production of bodies in the constant interaction between biological forces, environments and subjectivity. Bodies create somatic forms to cope with the challenges that arise and to maintain the processes of differentiation, growth and complexification of life towards the future. **Objectives:** Explore the construction of the student's view of the body with the intention of evaluating/investigating how much students understand bodies in their interaction with environments, how much they problematize or not bodies in activity, and whether they perceive it as a component of the modes of subjectivation. **Methods:** This is a survey of video and text documents made available online by the Formative Process Laboratory, with qualitative analysis of content and image. **Results:** This perspective shows that we are constantly filtering environments and producing expression of form. It helps to think of the clinical scene as an environment that encourages bodies to produce themselves and uniquely connect to the ecologies that make up everyday life; and that sustains the intensities that reverberate with each experience of updating forms. **Discussion:** It allows the occupational therapist's perspective to enter into the experience of bodies building themselves in activities, embodying and producing differences in each body, and between bodies. **Conclusion:** The construction of this perspective in student training considers the creation of reliable environments and enables connection with its own way of forming. It encourages the perception of oneself as an ecology, learning to welcome oneself to welcome others.

**Keywords:** Human Body. Teaching. Occupational Therapy. Audiovisual Aids.

**Resumen: Introducción:** La formatividad se refiere a la autoproducción de cuerpos en la interacción constante entre fuerzas biológicas, entornos y subjetividad. Los cuerpos crean formas somáticas para afrontar los desafíos que se presentan y mantener los procesos de diferenciación, crecimiento y complejización de la vida hacia el futuro. **Objetivos:** Explorar la construcción de la visión del cuerpo por parte de los estudiantes con la intención de evaluar/investigar cuánto entienden los estudiantes los cuerpos en su interacción con los entornos, cuánto problematizan o no los cuerpos en actividad, y si lo perciben como un componente de los modos de subjetivación. **Métodos:** Se trata de un levantamiento de documentos de video y texto puestos a disposición en línea por el Laboratorio del Proceso Formativo, con análisis cualitativo de contenido e imagen. **Resultados:** Esta perspectiva muestra que estamos constantemente filtrando entornos y produciendo expresión de forma. Es útil pensar en la escena clínica como un entorno que anima a los cuerpos a producirse a sí mismos y conectarse de manera única con las ecologías que conforman la vida cotidiana; y que sustenta las intensidades que reverberan en cada experiencia de actualización de formas. **Discusión:** Permite que la perspectiva del terapeuta ocupacional ingrese a la experiencia de los cuerpos que se construyen en las actividades, encarnando y produciendo diferencias en cada cuerpo y entre cuerpos. **Conclusión:** La construcción de esta perspectiva en la formación de estudiantes considera la creación de ambientes confiables y posibilita la conexión con la propia forma de formar. Fomenta la percepción de uno mismo como ecología, aprendiendo a acogerse a uno mismo para acoger a los demás.

**Palabras-clave:** Cuerpo Humano. Enseñanza. Terapia Ocupacional. Recursos Audiovisuales.

### Como citar:

Silva, H.C.O., Mecca, R.C., Marinho, F.S. (2025). A construção de um olhar do estudante de Terapia Ocupacional marcado pela formatividade dos corpos. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(1): 3055-3070. DOI: 10.1590/S1413-24782002000100003

## Introdução

Esse texto é oriundo de uma pesquisa de conclusão de curso de graduação que procurou explorar a construção do olhar de uma estudante de terapia ocupacional para o corpo, afetada pela perspectiva do processo formativo em Keleman e Favre, e seus leitores do campo da Terapia Ocupacional. Uma das autoras como graduanda que, no contato com o material em vídeo e texto produzido e disponibilizado pelo site do Laboratório do Processo Formativo (LPF), buscou exercitar o olhar para os corpos e ambientes num fluxo contínuo de produção de vida e da biodiversidade e, assim, refletir sobre as experiências da graduação e destacar os principais pontos ativados por essa perspectiva no desenvolvimento de uma visão sensível, consciente e crítica dos corpos em encontro na prática clínica e dos ambientes produzidos para favorecer processos de transformação.

Por longo tempo, a profissão concebeu o corpo como fragmentado e as atividades dissecadas em seus pormenores. Influenciada pelo positivismo e pressionada a legitimar suas práticas como ciência, a profissão desenvolveu modelos baseados na normatização dos corpos e fazeres, focados na correção de desvios e na homogeneização das ações, voltados para as incapacidades dos sujeitos (Medeiros, 2003).

Alguns terapeutas ocupacionais vêm criticando essa visão, ao compreenderem os corpos sendo formados nas experiências com as atividades, processo este em que corpo e mundo se constroem conjuntamente (Almeida, 2004). Passaram a considerar as construções sociais e culturais que nos moldam e orientam nosso funcionamento e reconhecimento no cotidiano. Entraram em cena noções de corpo marcadas pela fluidez e constante experimentação que, segundo Liberman (1998), produzem novos territórios existenciais.

No entanto, recorrentemente na graduação em Terapia Ocupacional, somos incitados a olhar e encaixar nossos corpos em padrões estruturais e funcionais, negligenciando as possibilidades de encontro e experimentação que nos formam. É um olhar de reconhecimento, buscando reconhecer nos corpos aquilo que já conhece e se tem como objetivo (Liberman et. al, 2017).

Num caminho de ampliação da compreensão do corpo como em permanente construção e inserido em ambientes, desde físicos até políticos, a perspectiva do processo formativo tem sido incorporada por terapeutas ocupacionais que abordam o corpo numa vertente somático-existencial, e que se debruçam sobre as práticas artísticas e corporais na formação do terapeuta ocupacional.

Regina Favre (2021), no LPF, tem contribuído para esse processo ao ensinar profissionais das diversas áreas em grupos que se acompanham em experiências de fazer corpo e criar ambientes juntos para o cultivo da Biodiversidade Subjetiva (BS). Segundo Favre (2009; 2015), é no encontro com outros corpos que estes se produzem, a si e aos ambientes, a todo momento. A BS considera o nosso funcionamento em rede, ultrapassa o que diz respeito apenas à natureza, englobando respostas, linguagens, formas de comportamento, e ambientes que somos capazes de gerar. Mais do que indivíduos, somos canais em torno dos quais tecemos sujeitos corporais, de maneira contínua, nas diferentes ecologias: físicas, afetivas, cognitivas e sociais, onde somos parte e produtores. É uma cooperação e conexão entre corpos na criação do que ainda não existe.

Essa perspectiva tem orientado terapeutas ocupacionais a olhar os corpos como processos vivos, em mutação ao longo da vida, possibilitando novas conexões e afetações entre corpos em encontro. Abre-se, assim, uma sensibilidade para ler os acontecimentos que atravessam os sujeitos, impactando modos de funcionamento dos corpos em expressividade (Lieberman, 2010). Essa abertura contribui para a construção de um olhar do terapeuta ocupacional sobre o fazer humano, sua subjetividade e diversidade, e para a reflexão sobre como as atividades moldam os corpos.

O processo formativo é a criação contínua de formas somáticas, que se desenvolvem e atravessam toda a existência para dar conta dos desafios que se apresentam. Este processo depende da interação constante entre forças biológicas, ambiente e subjetividade. A formatividade aponta que a vida é movida pelos processos de diferenciação, crescimento e complexificação em direção ao futuro, criando formas para prosseguir (Keleman, 1994).

A forma é um design anatômico auto-construído em resposta aos acontecimentos e que expressa o modo de funcionamento de cada corpo num determinado momento do curso da existência. Estabelece borda entre mundo interno e externo, portanto produz contenção e um certo tipo de conexão com os ambientes, que se inicia a partir de padrões inatos de emoção e ação, em evolutivo repertório num curso pela vida, oferecendo direções de comportamento. É moldada e influenciada pelas ocorrências do desenvolvimento, pelas experiências vinculares, bem como volitivamente (Keleman, 1994; Favre, 2021).

O corpo é considerado uma bomba de pulsação, com capacidade de expandir e retrain, numa troca com o mundo, com os afetos e com tudo que é formado pelas experiências e encontros. As ondas pulsantes e os padrões inatos propiciam diferentes modos de organização interna. Essa organização se constrói na interação com as forças políticas e sociais, com os eventos da existência, e chega em regulações subjetivas e singulares em cada corpo, predispondo respostas e ações (Lieberman, 2010). Keleman (1984) nos diz: "Em primeiro lugar, há um padrão organísmico geneticamente herdado, depois uma preparação para a ação e, finalmente, a ação propriamente dita" (p. 38).

O contato com o mundo impulsiona nosso processo formativo, podendo nos levar à singularização, melhor conexão com os ambientes e maior satisfação pessoal. Contudo, corpos em formatividade podem ser objetificados por modos de olhar que os subordinam a padrões de funcionalidade e desempenho, empobrecendo experiências e encontros e reduzindo a qualidade da presença. Esses processos de modelização se refletem na prática clínica, reproduzindo idealizações que conduzem os corpos ao endurecimento em formas fixas e ao amortecimento de suas potências de vida e mutação.

O exercício do "desaprender" na perspectiva formativa, rompe com esses modos de olhar, reorientando a prática clínica em Terapia Ocupacional. Segundo Lieberman et. al (2017), "(...) revela-nos que é possível produzir sensibilidades mais atentas ao que é vivo e ao pulso vital, e modificar, mesmo que de modo sutil, as relações e os modos de cuidar" (p.124).

A noção de corpo como pulso sustenta uma sensibilidade voltada para modos de existir singulares, resistentes às modelizações, reconhecendo existências que geram formas somáticas transitórias, que nem sempre podem ser nomeadas pelo discurso. Consideradas assim, essas existências podem engendrar infinitas possibilidades do fazer humano. Nesse sentido, é essencial cultivar um olhar que favoreça a construção de um corpo de terapeuta tocado a outrar-se, desconhecendo o que chega, Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 9(1), 3055 – 3070, 2025.

buscando compreender sua cartografia existencial e a coprodução de si e do mundo, num contínuo processo de vir a ser (Lima, 2004; Liberman, 2007; Lima & Liberman, 2016).

O cultivo desse olhar foi viabilizado nessa pesquisa na qual a estudante pôde aproximar-se da problematização dos corpos em atividade e dos modos de subjetivação no processo terapêutico e, em consequência, no campo político-social do qual emergem, potencializando a construção de uma prática voltada às diferenças e às singularidades dos sujeitos (Siegmann, 2011).

### **Corpo e Ambiente na perspectiva do Processo Formativo**

Na prática clínica em terapia ocupacional encontramos corpos em situação de vulnerabilidade, vivendo paralisações no curso da vida, carecendo de auxílio para encontrar novas formas de ação e conexão com o mundo, de maneira a tornarem-se mais potentes e afirmarem-se na sua diferença. Compreender que o corpo está em contínua formação e que pode, nos encontros com outros corpos, engendrar formas mais conectivas e auto-reguladoras, nos abre para um olhar que implica nossos corpos-terapeutas e os ambientes que produzimos nessa construção.

Keleman concebe a vida num constante processo de construção de formas somáticas, desde a origem embriogênica até seu fim. Estas são dadas geneticamente e corporificadas ao longo da vida, imersas em acontecimentos, encontros e relacionamentos. Corpar é o processo de encarnar como forma o que acontece no corpo e se presentificar na experiência (Favre, 2010; Liberman, 2010).

O corpar se dá no diálogo do corpo consigo mesmo, é um processo de auto-gerenciamento. É possível identificar, compreender e modular as formas, dialogando com os efeitos somáticos das experiências vividas, num modo de participar ativamente da construção da própria existência. Na experiência da modulação voluntária das formas somáticas, as nossas conexões celulares nervosas provocam uma "interrupção" da atividade habitual do cérebro, alterando a formação da nossa rede neural e reorientando o processo formativo.

A prática do corpar proposta por Keleman (2017) desorganiza e reorganiza formas no curso de nosso desenvolvimento, que podem ser identificadas nos modos de agir no cotidiano. Prevê exercícios que impulsionam plásticas adaptações pela modelagem da forma, que nos dão contorno e sustentam nossas ações no mundo (Favre, 2021).

O método de Keleman incorporado por Favre inclui um trabalho de cartografia das formas que nossos corpos produzem na relação com os ambientes, e uma agência de nós mesmos sobre a arquitetura tissular nelas organizada. O modo como agimos sobre nós mesmos é o que Keleman e Favre apostam como uma possibilidade de vivermos de maneira mais saudável, conectada, fluida e funcional.

Há um processo de reconhecimento das formas que usamos para interagir com o mundo e dar conta de processar a excitação advinda dessa experiência. Simultaneamente, uma intervenção sobre esse funcionamento, de maneira a atualizar as formas que produzimos para aquelas que funcionam melhor nessa interação (Keleman, 2017).

Nessa prática, a pessoa rompe com segmentações habituais, remodelando o corpo em novas configurações, mais preenchidas de força vital e menos rigidamente definidas por padrões sociais. Abre-

se, assim, um caminho de corporificação da experiência, ativando processos vitais elementares e a capacidade auto regenerativa e perceptiva do corpo. Esse processo vitaliza o corpo que imagina, pensa e sente, permitindo o diálogo consigo mesmo, com outros corpos e com os ambientes. Assim, é possível investir conscientemente nesse processo, escolhendo formas somáticas que melhor respondem aos desejos e acontecimentos, sendo ativo no devir-corpo.

Keleman lê o corpo em camadas, e de seu padrão pulsátil que organiza os tecidos em uma arquitetura tubular. Organizados como bombas, os tecidos se ligam uns aos outros criando tubos, bolsas se comunicando através de membranas e camadas abertas a conexões, permitindo trocas no corpo e na relação com os ambientes. Essa organização é singular em cada organismo e é construída nas regulações que cada corpo faz ao interagir com as forças intensivas que compõem os ambientes e as turbulências produzidas nos encontros.

Sendo bomba pulsátil, o corpo canaliza a vida que por ele passa e filtra os ambientes: alimentos, ar, afetos, forças sócio-culturais e políticas, ou seja, elementos que são incorporados nos modos como o corpo se organiza somaticamente, e se regula para fazer face aos acontecimentos. Keleman e Favre entendem que se perceber como forma somática e se auto-regular são modos de sintonizar com a continuidade da vida, e de viver o corpo como ambiente, ou seja, ecologia dentro de outras ecologias em que estamos inseridos. As formas comunicam como os corpos se fazem presentes, como filtram e expressam a vida em si (Keleman, 1992; Liberman, 2010).

O material produzido pelo LPF impacta pela maneira como os corpos são captados nas imagens em processo de engendramento de formas vivas, absolutamente singulares e conectivas. Essas imagens se associam a relatos da experiência de corpos se autoproduzindo, se diferenciando no contato com outros corpos, sendo afetados pela consciência desse processo, dizendo das implicações dessa experiência em sua cotidianidade, e da apropriação desse método em suas práticas profissionais.

O contato com esse material promove um questionamento sobre a apreensão imediata, objetificada e estática do corpo protagonizada pela literatura e prática hegemônica em Terapia Ocupacional de fundamentação predominantemente biomédica que negligencia seu caráter processual, vivo, bem como as interações implicadas no processo terapêutico. Convoca o estudante de Terapia Ocupacional a olhar os corpos em seus ambientes e problematizar seus modos de funcionamento, colocando-se como corpo em relação que co-cria ambientes favoráveis à transformação. Isso implica pensar vincularmente com o corpo incluindo-se numa esfera de criação de um campo corpante para dar prosseguimento à vida. O campo corpante é o ambiente funcionando e propiciando a organização-desorganização de formas, e sustentando as intensidades, excitações, estranhamentos que reverberam a cada experiência (Favre et al, 2019; Favre, 2021).

A construção desse olhar pressupõe uma ética e uma postura política, que o diferencia do olhar formado para reconhecer o que está inserido nos códigos de uma cartografia vigente, e para responder a padrões de normalidade, funcionalidade e desempenho. Requer do terapeuta ocupacional em formação um corpo encarnado na experiência, evidenciando seu pensamento vinculado ao funcionamento dos corpos como processos no tempo, em camadas pulsantes, em ritmos de transformação. O estudo e a prática do processo formativo auxiliam a construir um olhar para os ambientes em que a prática clínica se dá como

ecologias, por considerar os corpos ambientes vivos e que são produzidos constantemente pelas forças intensivas e pela agência dos corpos que ali se encontram.

Portanto, contribui para a construção de um corpo profissional imerso nos acontecimentos e sensível aos efeitos destes na formação dos corpos, incluindo ele próprio. Um corpo em composição com os ambientes, movido pela afetação produzida no encontro com outros corpos envolvidos nas experiências com o fazer. Desta maneira, compreende o terapeuta ocupacional como agente no processo ao estabelecer encontros com investimento afetivo, que propiciam transformações nos corpos e nos seus modos de fazer, de maneira a torná-los mais potentes em suas conexões com os ambientes e na produção de formas afinadas com o prosseguimento da vida.

## **Métodos**

Trata-se de uma pesquisa exploratória, com análise documental qualitativa. O corpus inclui textos e vídeos de grupos de estudo e formação no LPF, disponíveis no site para consulta. Esses materiais consistem em transcrições de falas e cenas registradas durante encontros de BS, filmadas por uma cinegrafista e transcritas por uma escriba, sendo posteriormente editadas para publicação. No site, os textos podem ser acompanhados de vídeos, imagens, links e tags temáticas.

O LPF estuda e fomenta a formação dos corpos a partir do herdado e do vivido, apoiado pelos recursos do método kelemaniano. Os participantes realizam exercícios formativos, estudam biologia, anatomia e fisiologia a partir do diálogo com a teoria kelemaniana, experimentam os processos estudados em seus corpos, e registram em desenhos, palavras numa cartografia do vivido.

Os grupos de formação em BS têm duração de cerca de 3 anos, com encontros periódicos de imersão para cerca de 15 pessoas. Todos os encontros são filmados e registrados em tempo real, sendo posteriormente editados e exibidos para que os participantes possam se ver como corpos em formação e intervir no processo por meio da afetação das imagens.

O material no site foi produzido na instalação didática (Favre, 2016): um espaço para os corpos se moverem e se encontrarem, com equipamentos para registro e exibição em vídeo, internet e quadro branco para cartografia do acontecimento. Contou também com a presença de uma escriba e de uma cinegrafista, que captaram os movimentos dos corpos como elementos vivos e a linguagem emanada desses encontros formativos.

Cerca de 83 vídeos estão disponíveis, dos quais 4 foram selecionados para análise, acompanhados de textos editados das transcrições dos encontros. Foram incluídos apenas os textos que acompanhavam os vídeos selecionados. A seleção e análise do material em vídeo basearam-se no impacto das imagens sobre a pesquisadora, em conexão com o conceito de Punctum, de Barthes (2006): um modo da imagem confrontar e instigar o olhar, desafiar interpretações e convocar deslocamento que transvê sentidos e camadas do que foi capturado pelas lentes.

O Punctum pode ser lido como um elemento ativo, da ordem do aparecimento, em contraposição a uma leitura das imagens com critérios e objetivos definidos buscando encontrar as intenções do fotógrafo e as características do contexto cultural - o que o autor denomina de Studium. É aquilo que toca o leitor

independentemente do que seu olhar busca, possuindo um caráter não codificável. Como uma flecha, o *Punctum* penetra, transpassa, fere o olhar. Endereça e interessa ao leitor, justamente porque toca sua própria subjetividade. Descreve Barthes (1984): “O *Punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)” (p.46).

O método Kelemaniano orientou esse processo. Assim como Keleman (2017) propõe aos corpos em exercício, os vídeos foram desacelerados para capturar e analisar trechos que mostram como as pessoas fazem o que fazem, permitindo um congelamento da forma que revela o processo formativo de maneira viva e pulsante. Isso possibilitou uma mudança no olhar da pesquisadora graduanda sobre os corpos, ao perceber a vida em processo e a mutação em tempo real – corpos se fazendo e ferindo seu olhar de maneira pungente. Os outros vídeos não foram selecionados, pois, ao seu olhar, tratam do processo de ensino-aprendizagem ou da concepção de corpo em sua dimensão histórico-social, caracterizando-se pelo *Studium* como orientador.

A análise de conteúdo dos textos seguiu a proposta de Bardin (2011). A afetação provocada pelo *Punctum* das imagens orientou a categorização, com as impressões registradas definindo as unidades de sentido. Realizou-se então uma leitura dos textos para organizar o material conforme essas unidades. As unidades foram agrupadas em três categorias temáticas: “Grande e Pequenos Aquários”, “Descobrimo-se Filtro” e “A Construção de um Olhar em um Campo Corpante”, que abordam a contribuição do processo formativo para a formação do olhar do estudante de Terapia Ocupacional. Essas categorias reúnem trechos dos quatro vídeos selecionados, mas, para este artigo, apresentamos um ou dois trechos por categoria que exemplificam o conteúdo. O tratamento e interpretação dos resultados revelam um aprofundamento sobre como a graduanda compreende os corpos em encontro, criando ambientes propícios à transformação e destacando o corpo do terapeuta como agente de cuidado.

A escolha da narração em primeira pessoa visa ecoar a afetação vivida pela autora, que participou dos workshops do LPF, permitindo-lhe encarnar processos vividos e produzir um texto vivo. A narração não descreve os vídeos, mas sim a experiência com o *punctum* das imagens. A seguir, a discussão expande essa visão, promovendo uma reflexão crítica sobre a prática clínica e a formação, em articulações teóricas que sugerem proposições para o campo da Terapia Ocupacional.

## **Resultados**

Foram desenvolvidas três categorias de análise que expressam a singularidade da experiência da graduanda na relação com o *Punctum* das imagens e sua inflexão sobre como isso ressoa numa visão somático cuidado em Terapia Ocupacional, ancorada no processo formativo.

### **Grande e pequenos aquários**

Quando me detenho na cena apresentada nesse vídeo, contemplo um ângulo da sala, com a figura de medusa (animal marinho) projetada na janela de um edifício de uma grande cidade. A medusa se desloca, movida pelo seu pulso, em meio ao céu, às nuvens, ao ar, aos prédios. Ela aparece em reflexo na janela espelhada com persiana, transpondo os vidros, e compondo em sobreposição de camadas a imagem do mundo fora da sala. “A sobreposição de imagens [...] enfatiza a evidência de que vivemos e

formamos nossas vidas, continuamente, em ecologias...que somos parte não só de famílias, mas de redes físicas, afetivas, cognitivas, tecnológicas, políticas, sociais, informacionais” (Favre, 2016).



**Figura 1:** Aquários.

**Fonte:** Favre, 2016.

A imagem provoca a sensação de imersão e uma percepção do mundo como um grande aquário pulsante onde corpos se deslocam e se produzem. Tenho a sensação de que estamos todos imersos num mar, num céu, por entre os prédios, com ar nos banhando, se introjetando e saindo de nós. Quando a medusa se bombeia, ela se desloca, e tudo se desloca junto. Assim como as medusas, somos ambiente, filtramos ambientes, compomos ambientes, e produzimos ambientes. Somos ecologias dentro de ecologias.

A extrema lentificação do vídeo, a sequência de bombeamento da medusa atravessando os vários ambientes, da sala à cidade, convoca a pensar o ambiente das ações em Terapia Ocupacional como um pequeno aquário dentro de um aquário maior. Um ambiente que pode propiciar que os corpos se produzam nos encontros entre corpos, materiais, atividades. Um pequeno aquário que seja continente e crie condições para que os corpos alvo das ações de cuidado possam perceber seu próprio pulso, se bombear estabelecendo trocas em pequenos ecossistemas e redes cujos ramos se conectem a outras ecologias que constituem a vida cotidiana.

Keleman (1995) descreve o processo somático como um continuum de imagens em vários níveis: dos padrões neurais e hormonais aos gestos musculares que vem a se tornar atos sociais. Vivemos dentro de ecologias organizadas por padrões pulsáteis, assim como somos ecologias organizadas em subsistemas para bombear a vida, criando conexões internas e com o mundo. Favre (2010 apud Liberman et. al., 2022) usa o termo ecologia relacional para evidenciar a capacidade conectiva dos corpos desenvolvida evolutivamente desde os animais de sangue quente. Esta é dada pela afetividade e pelos vínculos que se estendem em várias direções e modos compondo redes que são expressões vivas do continuum de camadas da existência.

Os vídeos analisados ressoam a importância do preparo/disposição de um ambiente para que se experimente o corpo em processo. De acordo com Liberman (2010), se faz necessária a produção de um ambiente confiável na Terapia Ocupacional, capaz de reconstruir o funcionamento do corpo na sua relação com os ambientes, em trocas afetivas e experienciais.



Criar um ambiente confiável é acolher o corpo como ecologia, permitindo que as formas somáticas captadas respondendo aos acontecimentos e que as histórias formativas, sobre como essas formas se desenvolveram nos ambientes vinculares, sejam narradas e possibilitem mudanças.

### **Descobrimo-se filtro**

Noutro trecho de vídeo selecionado, um corpo está experienciando no coletivo o estranhamento de sua forma, ao tomar contato com o pulso, com as forças que lhe atravessam. Mãos e braços abertos se movem buscando um centro, uma organização que dê conta de captar a forma e se sintonizar com ela, enquanto o tronco encurta e estende, o peito infla e desinfla, a excitação conduz o ritmo do pulso, e a modelagem das bordas do corpo é regida pelos gestos das mãos, fazendo presença.

Os corpos se produzem em ambientes vinculares, filtrando e incorporando forças intensivas que organizam sua auto-regulação para manter a continuidade da vida. Nessa filtragem, constroem modos de organização da forma, presença e ação. Organismos complexos, os corpos humanos mantêm a pulsação vital desde os unicelulares, organizando-se em tubos que permitem a passagem, circulação e trocas de elementos, forças e afetos, no corpo e com o mundo. O exercício propunha captar modos de funcionamento, filtragem e bombeamento dos ambientes, estabelecendo conexões (Favre, 2021; Keleman, 1992; Liberman, 2010).

Minha atenção é roubada pelas imagens desse corpo se experimentando como filtro, e permitindo-se viver esse estranhamento. Por um momento, aquele corpo parece se esvaír, dissipando-se no ambiente. Simultaneamente tensiono meu próprio corpo presente, ao me defrontar com a cena.

Algo me punge ao ver esse corpo se agarrar à experiência, criando uma conexão íntima e delicada. Uma dança envolve o corpo, o ambiente e os outros, gerando uma liga e uma membrana elástica pulsante que acolhe os corpos e suas vibrações. Eu, assistindo, me vinculo a eles, sentindo-me presente, como se dentro de um útero quente, espesso, envolto por uma membrana de afeto e contenção.

Para Favre (2016), praticar o corpo como bomba pulsátil e aprender a se reconhecer como parte de múltiplas ecologias sensibiliza uma inteligência coletiva na produção de corpos e ambientes. Essa compreensão de produção coletiva de vida se apresenta pulsante para mim "(...) numa captação entrecruzada, num feeling, num ato de concretude da presença física". Corrobora com meu modo de olhar para o corpo que se apresenta aos cuidados em Terapia Ocupacional. Um corpo movido à necessidade de encontrar novos modos de realizar as atividades e criar vínculos, conexões a partir dessa realização. Me convoca a explorar porque e como os corpos fazem da maneira que fazem nos ambientes que estão inseridos. Instiga a acompanhar ritmos de pulsação e auto-modelagem, capazes de diluir as imagens estereotipadas, para dar lugar ao plano das formas num continuum processo somático.

Em outra cena, corpos estão em close sugando o ambiente, filtrando-o em ritmos de bombeamento do fluxo da excitação, e devolvendo o produto dessa filtragem, produzindo mais corpo e mais linguagem, corpo encarnado. Segundo Favre (2016): "(...) estamos, sempre, dando corpo ao vivido e formando os ambientes de que somos parte (...) aprendemos a manejar as bordas, atrair os ambientes com o vácuo interno, absorvê-los e bombeá-los de volta como expressão conectiva de si..."

A imagem desperta em mim a compreensão da possibilidade de ser filtro quando, na cena, olho corpos abocanhando o ambiente e jorrando em retorno mais corpo. Meu olhar consegue transver um jato sólido de matéria em excitação sendo secretada. Corpos bombeando-se: introjetando e se nutrindo da experiência coletiva, secretando-se, descobrindo-se filtro, produzindo mundo e linguagem juntos.



**Figura 2:** Descobrimo-se filtro.

**Fonte:** Favre, 2016.

Keleman (1995) diz que a linguagem da experiência interna difere da linguagem vocabular, com ações inteiramente nossas compondo o mundo com imagens, sentimentos e memórias. As camadas líquidas e de comportamento muscular criam continuamente organização buscando tornar-se forma. No processo somático, contactar, intensificar, estruturar e desestruturar, aprofundam nossa experiência das camadas. E, então, os corpos buscam criar linguagem para comunicar a experiência de maneira corporificada.

As cenas ressoam no modo como olho para os corpos que cuidamos e como posso acolhê-los. A evidência de que estamos constantemente filtrando os ambientes e secretando nós mesmos me sensibiliza para abarcar as formas que emergem da interação entre corpos e ambientes. Quando nos secretamos, produzimos a expressão da forma que é uma camada, membrana da bomba pulsátil que, ao mesmo tempo, contém a excitação que nos atravessa, permite seu fluxo e conexão com o ambiente. Essa expressão da forma é uma nova camada de nós mesmos, que reflete como nos auto-produzimos continuamente. Ela é um prenúncio de mudança, anuncia a capacidade do corpo se transformar e afetar os demais, e solicita um terreno fértil e afetivo para que a mudança possa ganhar consistência e linguagem, o que pode ser construído na relação terapêutica.

### **A construção de um olhar em um campo corpante**

Nesta cena, uma participante está realizando a modelagem da bomba pulsátil, acolhida nesse ambiente confiável que é o grupo, junto aos outros corpos, que absorvem o acontecimento. Ela vai se afetando pela prática, ao mesmo tempo que vai acolhendo sua forma, se tocando, se identificando e se localizando, em seus ritmos de pulsação. Aos poucos vai se confortando e se reconhecendo e, juntos, os outros corpos se acolhem para que possam também se reconhecer no seu bombeamento em co-corpagem. Favre (2016) elucida que os corpos se fazem em gradientes mais ou menos continentais ao longo da

vida, com mais ou menos capacidade de absorver o acontecimento e formar estrutura com o vivido. Ela chama essa capacidade de amadurecimento: uma maior conexão com os elementos do presente e um bombeamento mais fino das ecologias que geram potência nos corpos.



**Figura 3:** Bomba pulsátil.

**Fonte:** Favre, 2016.



**Figura 4:** Campo corpante.

**Fonte:** Favre, 2016.

Nesse instante sou tocada ao olhar os corpos se aconchegando, acolhendo uns aos outros dentro de si naquele ambiente. É possível sentir um campo corpante encorajando que toquem sua forma, se percebam e sintam como forma, produzam presença. Cada corpo como um ambiente que produz ambiente junto a outros corpos favorece a apropriação de formas e o aprendizado de como criar membrana, filtrar e bombear de maneira mais afinada com as forças do presente.

Inforsato et.al (2017), descrevem campo corpante funcionando como um continente que dá consistência para que as experiências possam acontecer, pausar, desdobrar seus incômodos e potências; para que corpos possam identificar uma nova forma e assimilar, indicando outros acontecimentos. Os corpos em encontro sustentam a experiência acolhendo as forças que se fazem nos corpos em exercícios de cooperação e produção do comum.

Olhar o corpo que chega para o cuidado em Terapia Ocupacional em processo formativo vai de encontro a uma atuação que tem por especificidade os fazeres e ações que compõem o cotidiano, enxergando potência na diversidade das formas somáticas que expressam modos de fazer.

Contactar a complexidade das vivências somáticas provoca a necessidade de valorizar a singularidade de cada corpo e o processo dos corpos se fazendo em redes afetivas. Desafia minha prática a transcender a mera funcionalidade, buscando potencializar a criatividade e a expressividade dos corpos em

experiências compartilhadas como base para o processo terapêutico. E também favorece com que meu olhar possa explorar maneiras de reverter a lógica de correção ortopédica dos corpos, adentrando a experiência dos corpos se perfazendo em atividades (Almeida, 2004).

## **Discussão**

"Grande e pequenos aquários" propõe pensar a cena clínica como um ambiente, que favorece com que os corpos se produzam e se atualizem para responder ao que lhes acontece, e se conectar às ecologias que compõem a vida cotidiana. Isto diz respeito a integrar corpos, atividades, afetos, forças em uma ecologia relacional que propicia a cada corpo afinar-se com seu pulso, seu modo singular de funcionamento, e com as formas que estrutura para viver no cotidiano. Compreender os ambientes como ecologias relacionais sustenta modos de olhar o COMO cada corpo faz o que faz, percebendo como filtra e responde às forças ambientais, e constrói sua forma de agir no mundo. Assim, entende-se que o corpo do terapeuta ocupacional é produtor de ambientes propícios à percepção de si e agencia mudanças nos corpos em atividade para construir formas de agir de maneira mais conectadas aos ambientes.

O terapeuta ocupacional como corpo-ambiente-ecologia favorece com que os corpos que cuida se organizem para bombear os fluxos ambientais, as forças sociais e os afetos que permeiam o grande aquário, ou seja, para estarem presentes e ativos nas ecologias que envolvem o pequeno aquário onde a cena de cuidado acontece.

Questiona-se uma visão normativa dos corpos, apontando a necessidade de compreender as transformações que ocorrem a partir dos deslocamentos nos modos de fazer e de viver, como sugerem Liberman e Lima (2016). Em vez de corrigir desvios para atingir padrões, é proposto um olhar que reconheça as potências de mutação dos corpos, promovendo o acolhimento de novas possibilidades de ser e estar no mundo, nutrindo e dando consistência aos brotos de mudança.

A proposta de "Descobrimo-se filtro" reforça a ideia de que estamos constantemente filtrando e secretando ambientes, o que implica um processo contínuo de auto-organização e expressão do corpo, que se dá por meio de camadas que nos permitem interagir com o ambiente (Liberman & Lima, 2016). Nesse processo, o terapeuta ocupacional, ao se afetar pela própria filtragem, pode aprimorar sua capacidade de perceber as forças em jogo e de compor com as intensidades emergentes, favorecendo ambientes fecundos para as transformações (Inforsato et al., 2017).

Inforsato et.al (2017) convocam para a formação do profissional as tensões presentes na vida coletiva, onde os corpos entrelaçados, dentro das intensidades dos encontros, demandam tempo e espaço para serem melhor compreendidos e decodificados. É preciso acolher a força dos corpos se fazendo dentro da produção comum, sendo necessárias práticas inventivas de elaboração de afetos e experiências em ato, produzindo presença. "O corpo vibra, produz excitação, contrai-se, quer contato, evita contato, torna-se território de enunciação das experiências, matérias de fabricação de novas vitalidades" (p.111). Nesse sentido, a formação do terapeuta ocupacional ocupa um espaço de constante negociação entre as normas sociais, os valores e as práticas que são internalizados, mas também criticados e ressignificados (Shiramizo et al., 2024).

“A construção de um olhar em um campo corpante” traz a consciência do ambiente funcionando, propiciando e sustentando as intensidades, excitações, estranhamentos que reverberam a cada experiência de atualização das formas.

Shiramizo et.al (2024) dialogam com o conceito de campo corpante ao considerar as experiências dos terapeutas ocupacionais em diferentes contextos de atuação, percebendo suas próprias corporeidades sob influência e sendo moldadas pelos campos nos quais estão inseridos. A formação profissional não ocorre em um vácuo, ela é permeada por normas, valores e práticas que são internalizadas e reproduzidas considerando não apenas as características individuais dos corpos, mas também os sistemas de significado e poder que permeiam os contextos de intervenção. Ou seja, os ambientes não estão dados, eles são formados pelos corpos em rede e isso localiza o terapeuta ocupacional como agente na construção de ambientes confiáveis que podem ser mais acolhedores e férteis para a diversidade.

A formação em Terapia Ocupacional sob essa ótica, constrói-se na relação e encontros, com capacidade de afetar e ser afetado, desde a relação professor - estudante, aos espaços de prática, onde é necessário ir se desfazendo, se deixando conduzir, estranhar e embarcar numa produção de modos de existência que inclua a diferença e a potencialize, favorecendo a processualidade da vida (Constantinidis & Cunha, 2013).

Para Castro et.al (2011), é possível resistir aos processos de segregação, afirmando no coletivo, o acolhimento das singularidades, e compreendendo o corpo como lugar de acontecer de si, onde as conexões com o corpo são despertadas pelas sensações e percepções da auto-organização do vivo. As práticas corporais constroem essa compreensão e organizam redes de sentido. O entendimento da estrutura dinâmica e fluida dos corpos se autoproduzindo em relação com o mundo compõe esse modo de olhar em Terapia Ocupacional.

Liberman et.al (2017), falam de modificar as relações e os modos de cuidar, a partir de um corpo em estado de presença conectivo, inventivo, que se relaciona coletivamente num processo de autoconhecimento, o que implica uma compreensão de corpos e da vida na esfera clínica, social e política. A leitura de um corpo que se constrói a partir das experiências e na relação dos corpos com o mundo, possibilitando produzir sensibilidades ao vivo e ao pulso vital. As autoras acreditam que debruçar-se nas experiências, tanto na formação quanto na atuação profissional, é um modo político de olhar para os corpos agindo e vivendo de maneira singular em direção à diversidade.

O terapeuta ocupacional constrói, através de seu corpo e sua prática, ambientes de criação e ressignificação e, assim, contribui para a construção de novos modos de existência para si e para os outros corpos em contato (Liberman et al., 2017).

## **Conclusão**

O artigo aborda a formação do olhar de uma estudante de Terapia Ocupacional centrado na construção do corpo como um processo dinâmico e produtor de ambientes onde corpos e atividades interagem, favorecendo a construção de sentidos e o desenvolvimento das formas de agir no mundo.

O método possibilitou descrever as cenas em vídeo sob a perspectiva do *punctum*, discuti-las à luz dos conceitos do processo formativo promovendo um exercício contínuo da perspectiva de um corpo pulsando segundo as experiências encarnadas advindas da atualização de novas formas, e que considera a criação de ambientes confiáveis no contato e na realização de atividades.

As articulações teóricas levam a compreender que o olhar do estudante de Terapia Ocupacional deve ser sensível às intensidades e potências dos corpos em processo, considerando as ecologias nas quais estão inseridos. Ao assimilar essas perspectivas, propõem-se que o terapeuta ocupacional seja desafiado a criar ambientes de cuidado que não apenas tratam, mas que acolhem e potencializam as possibilidades de cada corpo, tornando-se, assim, um agente de mudança dentro de uma prática em rede. Uma possibilidade de experimentação é por meio dos laboratórios na graduação, que propiciam tomar contato com o corpo, e se experimentar para se construir profissionalmente como corpo-terapeuta.

A construção desse modo de olhar na formação em Terapia Ocupacional deve considerar a criação de um campo corpante, que possibilite construir para cada corpo formas mais conectivas com os outros e os ambientes, para dar conta dos acontecimentos que permeiam a vida cotidiana e aos quais somos convocados a responder, sem nos perder de nós mesmos. Problematisa as lógicas sociais de performance - geralmente representadas de modo mecanizado e empobrecido - para possibilitar a conexão com o próprio pulso, acolhendo-se para aprender a acolher o outro.

Esta perspectiva permite o reconhecimento das ações que os corpos empreendem em seus modos de funcionamento para realizar as atividades e construir formas mais afinadas com suas necessidades, resistentes aos padrões sociais vigentes que as empobrecem. Sendo assim, capacita-se para construir formas de modo singular e produzir diferença continuamente.

O olhar marcado pela formatividade dos corpos abarca uma compreensão crítica e sensível dos ambientes como ecologias relacionais que criam condições para que os corpos se conectem mais profundamente com suas potências de mutação. Assim, propõe-se que a formação e atuação do terapeuta ocupacional devem ser capazes de promover modos de um corpo se captar e engendrar, de modo não idealizado, novas formas singularizadas, contribuindo para a produção de diferença em cada corpo, e entre os corpos.

## Referências

Almeida, M. V. de. (2004). *Corpo e arte em terapia ocupacional*. Enelivros.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Ed São Paulo.

Barthes, R. (1984). *A câmara clara: Nota sobre a fotografia*. Nova Fronteira.

Castro, E. D., Saito, C. M., Drumond, F. V. F., & Lima, L. J. C. de. (2011). Ateliês de corpo e arte: Inventividade, produção estética e participação sociocultural. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 22(3), 254-262. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i3p254-262>

Constantinidis, T. C., & Cunha, A. C. da. (2014). A formação em Terapia Ocupacional: Entre o ideal e o real. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 24(2), 149-154.

<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v24i2p149-154>

Favre, R. (1992). Apresentação. In S. Keleman, *Anatomia emocional*. Summus.

Favre, R. (2009). Um diálogo sobre a biodiversidade subjetiva. *Laboratório do Processo Formativo*. <https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2009/06/um-dialogo-sobre-a-biodiversidade-subjetiva/>

Favre, R. (2010). Trabalhando pela biodiversidade subjetiva. *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, PUC-SP.

Favre, R. (2014). Corpar, nosso verbo principal. *Laboratório do Processo Formativo*. <http://laboratoriodoprocessoformativo.com/2014/02/corpar-nosso-verbo-principal/>

Favre, R. (2016). Na instalação didática. *Laboratório do Processo Formativo*. <https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2016/07/na-instalacao-didatica/>

Favre, R., Liberman, F., Maximino, V. S., & Martinez, F. P. M. (2019). Corpos pesquisadores: Escritos com Regina Favre. In R. Mendes, A. B. Azevedo, & M. F. P. Frutuoso (Orgs.), *Pesquisar com os pés: Deslocamentos no cuidado e na saúde* (pp. 198-222). Hucitec.

Gomes, R. (2004). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (pp. 67-79). Vozes.

Inforsato, E. A., Castro, E. D. de, Buelau, R. M., Valent, I. U., Silva, C. de M. e, & Araujo Lima, E. M. F. de. (2017). Arte, corpo, saúde e cultura num território de fazer junto. *Fractal: Revista de Psicologia*, 29(2), 110-117. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i2/2160>

Keleman, S. (1992). *Anatomia emocional*. Summus.

Keleman, S. (1994). *Realidade somática: Experiência corporal e verdade emocional* (M. S. Vieira, R. Favre, & R. Sawaya, Trad.). Summus Editorial.

Keleman, S. (2017). *Corporificando a experiência: Construindo uma vida pessoal* (R. Favre & R. Sawaya, Trad.). Summus Editorial.

Liberman, F. (2007). *Delicadas coreografias: Instantâneos de uma terapia ocupacional* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].

Liberman, F. (2010). O corpo como pulso. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 14(33), 449-460. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010000200017>

Liberman, F., Lima, E. M. F. de A., Maximino, V. S., & Carvalho, Y. M. (2017). Práticas corporais e artísticas: Aprendizagem inventiva e cuidado de si. *Fractal: Revista de Psicologia*, 29(2), 118-126. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i2/2163>

Liberman, F., & Samea, M. (1998). Uma pesquisa do corpo em terapia ocupacional: O método de danceability. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 9(3), 125-132.

<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.rto.1998.224868>

Liberman, F., Maximino, V., De Angeli, A. A. C., & Mecca, R. C. (2022). Corpos em pandemia: Afinar-se com a mutabilidade dos tempos ou a intensidade dos paradoxos. In C. T. Cirineu & F. B. Assad (Orgs.), *Corpo em foco: Proposições contemporâneas* (pp. 25-40). Claretiano.

Lima, E. M. F. A. (2004). A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 15(2), 42-48.

<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v15i2p42-48>

Lima, E. A. (1997). Terapia ocupacional: Um território de fronteira?. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 8(2-3), 98-101. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.rto.1997.224821>

Lima, E. A., & Liberman, F. (2016). Corpos em composição com acontecimentos: Imagens e notas sobre um processo de re-habilitação. In V. Kastrup & A. M. Machado (Orgs.), *Movimentos micropolíticos em saúde, formação e reabilitação*. CRV.

Mecca, R. C. (2008). *Experiência estética na terapia ocupacional em saúde mental: Gestos na matéria sensível e alojamento no mundo humano* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo].

Medeiros, M. H. R. (2003). *Terapia ocupacional: Um enfoque epistemológico e social*. EdUFSCAR.

Shiramizo, C. S., Cardinalli, I., & Silva, C. R. (2024). Corpo e formação: Perspectivas e experiências constitutivas da terapia ocupacional. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 8(1), 2243-2417. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto59724>

Siegmann, C. (2011). *Pensar e inventar-se: Terapia ocupacional como clínica dos afectos*. Editora CRV.

**Agradecimento:** Regina Favre e ao Laboratório do Processo Formativo pelas valiosas contribuições. Vagner Martins pelo apoio.

**Contribuição dos autores:** H. C. O. S.: Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. R. C. M.: Orientação do trabalho, coleta dos dados, análise dos dados, revisão do texto. F. S. M.: Co orientação do trabalho, análise dos dados, formatação, revisão do texto.

**Recebido em:** 22/05/2024

**Aceito em:** 06/01/2025

**Publicado em:** 12/03/2025

**Editor(a):** Juliana Araújo Silva